

A Face Vincular do Sonho: A Partida de Pérola¹

La Face Vincular del Sueño: La Partida de Pérla

Guilherme Vianna Poletto²



¹ Monografia apresentada à UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – como requisito parcial para a aquisição do título de Bacharel em Psicologia – Habilitação Formação de Psicólogos, São Leopoldo, 2007. Original em monografia de conclusão do curso, sob orientação da Psicóloga, Mestre Liane Pessin.

² Psicólogo. Endereço para correspondência: guipoletto@gmail.com

*Dedico este estudo:
aos meus pais Armando e Ilka;
a meu irmão Lauro;
à minha psicóloga, Carolina.*

Foram inúmeras pessoas que auxiliaram na conclusão desta etapa tão importante de minha vida. Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram deste sonho uma realidade, especialmente...

...à minha avó Eva, meus pais, e meu irmão. Minha família, meu porto seguro, obrigado por tanto amor, sem vocês nada disso seria possível;

....à Carolina Rosa de Freitas pela humanidade, carinho, dedicação à profissão; sobretudo, pelas interpretações de meus sonhos que foram propulsoras de grandes conquistas pessoais e inspiraram profundamente esta monografia;

...à família Reghelin que sempre esteve presente em minha vida, grato pelo carinho e confiança. Michele e Elisangela, tenho vocês como irmãs em meu coração;

...à Liane Pessin pela excelente orientação deste trabalho, foi um prazer tê-la como orientadora e professora, anseio que nossos caminhos profissionais se cruzem novamente;

...à Mara Luiza Dalanhol e Ariane de Freitas Severo, pelo auxílio e incentivo aos estudos da Vincularidade e dos sonhos. Vocês tiveram grande influência na construção deste trabalho e permanecerão como excelentes referenciais.

... ao Dr. Juliano Fontanari, não apenas pelo apoio a publicação mas também às sugestões e revisões em prol da excelência deste estudo.

“Foi no sonho que, na expressão de Lucrécio, pela primeira vez se manifestaram as esplêndidas imagens dos deuses às almas dos homens... O artista examina minuciosamente os sonhos por que sabe descobrir nessa pintura a verdadeira interpretação da vida.”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

O presente trabalho busca construir, através de uma pesquisa sobre o conceito do sonho, hipóteses acerca da evolução do material onírico na clínica Psicanalítica, partindo da perspectiva Freudiana até enfocá-lo sob o prisma da Psicanálise Vincular, própria da Clínica Contemporânea. Ao colocar ênfase na relação analista-paciente, o leitor poderá refletir a respeito da hipótese de sinais de vincularidade no sonho, frutos da Intersubjetividade que se estabelece paralelamente com os fenômenos intrasubjetivos, como a Transferência³. Ao final do trabalho são apresentados fragmentos de um caso clínico com o intuito de reiterar a importância do vínculo analista-paciente na construção de novos significados para a interpretação dos sonhos.

Palavras-chave:

Sonho – Vínculo – Intersubjetividade – Transferência – Psicanálise

³ O fenômeno Transferencial, conforme ETCHEGOYEN (2004, p.96), orienta-se para um viés intersubjetivo, uma vez que envolve duas pessoas (analista-paciente; ou mais, dependendo da modalidade de atendimento), pois, juntamente com a aliança terapêutica constitui a situação analítica. Diz o autor “[...] os afetos e em especial a ansiedade dirigem-se ao analista, recrudescem velhos sintomas e hábitos, as reações afetivas tendem a se canalizar na análise (e não fora). A neurose de transferência, enfim, defini-se como o reconhecimento da presença do analista e do efeito da análise. “[...] é o correlato psicopatológico da situação analítica”. Entretanto, a Transferência tem como natureza, segundo Freud, em “Além do Princípio do Prazer (1920)”, as pulsões tanáticas, cujo atributo é a compulsão a repetição; afirma ETCHEGOYEN (2004, p. 71): “ [...] a transferência, (que é, por definição, um vínculo) está a serviço do instinto de morte (que por definição não cria vínculos, e sim, os destrói)”. É sabido que no início de um tratamento há uma “melhora” dos sintomas, os quais nada mais são do que “uma transposição do fenômeno patológico, que começou a se dar no nível do próprio tratamento” (ETCHEGOYEN (2004, p.70). Assim, os sintomas que apresentamos no dia-a-dia (de ordem cotidiana) passam a serem reproduzidos dentro do *setting* (Neurose de Transferência). Propus pensar a Transferência neste estudo, como Intrasubjetiva considerando a sua essência, que independe da situação analítica (na análise nos utilizamos dela como instrumento de trabalho) posto que, para Klein e Winnicott, ela está presente desde o desenvolvimento emocional primitivo. Em tempo, se fosse a Transferência inteiramente Intrasubjetiva, não haveria a necessidade (tampouco se reconheceria) a presença da Contratransferência (a resposta emocional do analista aos estímulos do paciente).

RESUMEN

El presente trabajo ha buscado a construir, con una investigación sobre el concepto del sueño, hipótesis referentes a la evolución del material en la clínica de Psicoanalítica, el irse del onírico de la perspectiva de Freud hasta enfocarla bajo del prisma del psicoanálisis para atar, apropiado del contemporáneo clínico. Al poner énfasis en el analista-paciente de la relación, el lector podrá reflejar con respecto a la hipótesis de señales de la vincularidad en el sueño, frutos de Intersubjetividad que es paralelo establecido a los fenómenos Intrasubjetivos, como el Transferencia⁴ Al extremo del trabajo se presentan fragmentos de un caso clínico con la intención de reiterar la importancia del analista- paciente en enlace de la construcción de los nuevos significados para la interpretación de los sueños.

Palabra llave:

Sueño- Enlace- Intersubjetividad- Transferencia- Psicoanálisis.

⁴ El fenómeno Transferencial, como ETCHEGOYEN (2004,pg.96), se orienta para un diagonal del intersubjetivo, una época que implique a dos personas (analista-paciente; o más dependiendo de la modalidad de la atención) por lo tanto, junto con la alianza terapéutica constituye la situación analítica. Dice el autor " [...] el afecto y en especial la ansiedad dirigen el analista, los viejos síntomas del recrudecer y los hábitos, las reacciones afectivas tienden canalizarse en el análisis (y no afuera). La neurosis del Transferencia, en el ultimo, me definieron como el reconocimiento de la presencia del analista y del efecto del análisis." [...] es el correlato del psicopatológico de la situación analítica". Sin embargo, el Transferencia como naturaleza, según Freud, en más allá del principio del placer (1920)", que calidad es la obligación de la repetición afirma ETCHEGOYEN (2004,p71) [...] el transferencia,(ese es, para la definición, un enlace) es el servicio del instinto de la muerte (que para la definición no crea enlaces, y sí, los destuye)". Se sabe cuál que al principio de un tratamiento tiene una "mejora" de los síntomas, nada está más de lo que "una transposición del fenómeno patológico, que comenzó a darse en el nivel del tratamiento apropiado"(ETCHEGOYEN (2004,pg.70). Así los síntomas de los cuales presentamos en el comienzo del día-por-día (de la orden diaria) que se reproducirá adentro ajuste (Neurosis del Transferencia). Consideraba para pensar Transference en este estudio, como Intrsubjetiva en vista de su esencia, ese independe de la fila analítica de la situación (en el análisis adentro los utilizamos de él como instrumento del trabajo) que, para Klein y Winnicott , es presente desde el desarrollo emocional primitivo. En tiempo, si era Transference enteramente Intrsubjetiva, no tendría la necesidad (ni una ni otra sería reconocido) la presencia de Contratransferencia(la contestación emocional del analista a los estímulos del paciente).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – VICISSITUDES DO SONHOS	11
2 VIENA: BERGASSE, 19 – UM RESGATE DA TEORIA DOS SONHOS	13
3 O SONHO DA INJEÇÃO EM IRMA POR LACAN E A RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E SEU DISCURSO	17
4 DOS APORTES METAPSICOLÓGICOS PARA OS SONHOS À VINCULARIDADE	20
5 JUNG E FREUD – UM VÍNCULO ROMPIDO E O TRABALHO DO NEGATIVO NO SONHO.....	27
6 A CARTA DE OURO – A PRESENÇA DO “ESTRANHO” E DO AMOR TRANSFERENCIAL NO ENIGMA ONÍRICO	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO – VICISSITUDES DO SONHO

O presente trabalho busca agregar novos paradigmas oriundos da Psicanálise Vincular à interpretação do material onírico encontrado na clínica contemporânea. Através do resgate de sonhos e correspondências históricas dos próprios autores que protagonizaram o desenvolvimento da Psicanálise, intentei construir hipóteses acerca da evolução do conceito e da aplicabilidade do sonho nos atendimentos psicoterápicos, levando-se em conta a relação terapeuta-paciente diante das múltiplas formas de análise desse material.

A partir da síntese de alguns conceitos extraídos da pedra fundamental⁵ na compreensão dos processos oníricos, apresento um sonho de Freud que, analisado sob a ótica de Jacques Lacan, adquire novas possibilidades interpretativas, desde as múltiplas formas como Freud se apresenta no próprio sonho até um vislumbre do Inconsciente deste sonhador via o discurso e o contexto no qual foi analisado.

A seguir, tomando por referência conceitos metapsicológicos de objeto desenvolvidos por Melanie Klein e Donald Winnicott, são apresentados dois sonhos que versam sob um mesmo tema. Embora tenham contextos e significados distintos, ambos estão diretamente relacionados à técnica e à teoria de cada autor. De certo modo, refletem a forma como se vêem no processo terapêutico com seus pacientes, seja como receptores passivos do sonho, seja interagindo num espaço imaginário entre a fantasia e a realidade.

Tomando o fenômeno onírico como um “objeto” a ser pensado num campo intersubjetivo, a teoria de Bion revoluciona o foco de intervenção terapêutica dos sonhos ao disponibilizá-los a pacientes mais regressivos que necessitam dessa área contígua para

⁵ FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: A interpretação dos sonhos.** Tradução de Christiano Oiticica. 24.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980. v.5 Tomo 2. 777p.

posteriormente diferenciarem-se como sujeitos, ou seja, reconhecerem a realidade compartilhada a sua volta e o próprio terapeuta como um objeto real e “diferente de mim”.

A imposição dessa condição (relação a dois) estabelece novos parâmetros à análise da interpretação dos sonhos uma vez que se faz necessário considerar não somente a carga transferencial (intrasubjetiva) embutida no sonho como também a atualidade do vínculo estabelecido entre a dupla, que pode influir, consideravelmente, na maneira como este material clínico é comunicado e compreendido, tal como ilustrado num sonho de Carl Jung relatado a Sigmund Freud.

Com o intuito de suscitar a implicação do terapeuta frente aos desafios da interpretação dos sonhos sob os paradigmas que orientam a Psicanálise Vincular, acrescentei, no capítulo final, fragmentos de um caso clínico⁶ que sustente, ao que foi inferido, a hipótese da presença de sinais de vincularidade no sonho referentes a experiências do “aqui e agora”⁷ vivenciadas no *setting* através da comunicação intersubjetiva.

⁶ Finalizado com um sonho trazido por uma paciente na última sessão.

⁷ Situações em que não envolvam tão somente os conteúdos transferenciais (remetidos ao terapeuta), mas também o que se constrói de atual a partir de um encontro de duas subjetividades.

2 VIENA: BERGGASSE, 19 - UM RESGATE DA TEORIA DOS SONHOS.

Para compreender a importância dos sonhos na psique, há de se retornar às primeiras concepções metapsicológicas dessas manifestações. Sigmund Freud revela que desde a antiguidade já havia o interesse por estes fenômenos e existiam dois métodos considerados populares para interpretá-los. O primeiro, denominado de “simbólico”, consistia em compreender o que era relatado como um todo, substituindo apenas os caracteres inteligíveis encontrados por outros análogos aos originais; enfatizando que as idéias do sonho relacionar-se-iam com acontecimentos futuros⁸. O segundo, conhecido como “método da decifração” compreendia o sonho como uma criptografia onde cada signo era traduzido por outro de significado conhecido (por mera transposição mecânica) e o resultado obtido era, novamente, transposto para um tempo futuro. Ambos os métodos não se sustentaram, por se aterem somente ao relato verbal do sonhador; porque prediziam um futuro incerto, ou ainda, por dependerem estritamente da “confiabilidade” de seus códigos. Freud concebeu os sonhos como realizações alucinatórias de desejos inconscientes, cujas fontes advêm de excitações sensoriais internas (subjetivas) ou externas (objetivas). Na teoria do sonho este teria a função de, essencialmente, preservar uma condição de repouso, agindo como um “guardião do sono”.

O fundador da Psicanálise refere que o material do sonho é derivado de experiências, isto é, vivências reproduzidas e recordadas que estão além do alcance da nossa memória de vigília. O sonho carrega consigo fatos recentes que, durante o dia, passaram despercebidos

⁸ Freud (1969-1980, p.132) cita como exemplo a explicação proposta por José na Bíblia para interpretar o sonho de um faraó: “As sete vacas gordas seguidas pelas sete vacas magras que devoravam as gordas – tudo isso era um substituto simbólico para uma profecia de sete anos de fome nas terras do Egito que deveriam consumir tudo o que fosse produzido nos sete anos de abundância”.

pela nossa consciência, os quais convencionou chamá-los de restos diurnos. Também trazem lembranças de acontecimentos marcantes da tenra infância, isto é, fragmentos de antigas percepções providas de uma instância psíquica denominada de Inconsciente.

Cabe traçar algumas considerações sobre a origem dos desejos nos sonhos – contempladas pela primeira tópica Freudiana – que versam sobre quatro fontes primordiais: a) desejos conscientes que não foram realizados durante o dia (muito evidentes em sonhos infantis), presentes no sistema Pré-consciente; b) algum conteúdo de forte intensidade psíquica que, repudiado pela ação da censura, foi reprimido do sistema Pré-consciente ao sistema Inconsciente; c) algum conteúdo reprimido que emergiu do Inconsciente, sem qualquer ligação com os restos diurnos, exceto pelo trabalho do sonho; d) desejos estimulados pelos sentidos que podem ou não sofrer a ação de condições externas (sede, fome, calor, iluminação, etc). Pode-se inferir que é, fundamentalmente, o desejo que coloca nosso aparelho psíquico em ação durante o sonho, uma vez que esse processo se dá através do arranjo de forças entre os desejos inconscientes somados aos desejos conscientes. Freud exemplifica a teoria utilizando uma metáfora na qual a união do “capital” (desejo inconsciente) com o “empresário” (desejo consciente) viabiliza o “empreendimento” (sonho), resultando numa formação de compromisso que, para o sonhador, ocorre por meio de experiências sensoriais alucinatórias relacionadas a desejos infantis originalmente reprimidos.

Sobre este “empreendimento” consiste o trabalho do sonho, isto é, a transformação da matéria prima desejante (pensamentos do sonho) em imagens pictóricas (representações) que sejam suportáveis ao aparelho psíquico do sonhador, a ponto de que este se mantenha em estado de repouso, obtenha satisfações e não desperte. Freud compreende as imagens pictóricas constituídas no sonho como um “quebra-cabeça” iconográfico composto de “peças” que foram elaboradas através de dois mecanismos inconscientes: condensação e deslocamento. Cada peça, fragmento individual retido no sonho, alude a inúmeras representações-palavra, símbolos, imagens; que, por cadeias associativas, se interligam a outros elementos. A condensação se encarrega de fundir o grande volume de pensamentos do sonho nos elementos do conteúdo manifesto, gerando uma desproporção que é sentida no sonhador como a impressão de que sonhou muito mais do que pôde, efetivamente, recordar. Por outro lado, a ação do deslocamento se dá no movimento de transferir⁹ o sentido original das representações (provenientes de afetos penosos, que geram desconforto ao aparelho psíquico) a conteúdos

⁹ No sentido de desviar, distorcer, substituir.

(elementos) suportáveis ao ego que se encontra pressionado pela ação da censura, ainda que não tão intensamente como de dia.

Kusnetzoff (1982) afirma que, modernamente, por meio dos recursos estilísticos gramaticais, a condensação é tida como uma metáfora enquanto o deslocamento sugere uma metonímia. Por meio desses “recursos” do aparelho psíquico ocorre a codificação do desejo. Decodificá-lo, interpretá-lo, significa para Freud desvendar os sentidos ocultos recobertos por tais mecanismos. Os materiais a serem “desvendados” são as narrativas do sonhador condensadas nas imagens oníricas (objetos, símbolos, cenas) comunicadas ao analista. Geralmente são curtas, sintéticas, pouco expressivas, se comparados a gama e a riqueza dos conteúdos latentes (pensamentos dos sonhos) envolvidos nessas construções. Na qualidade de pesquisador, Freud publicou alguns sonhos de sua autoria¹⁰ e apresenta o “sonho da Injeção em Irma” como um modelo à luz do método psicanalítico:

Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo – entre eles está Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua”. Respondeu ela: “Ah, se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto ainda na garganta, no estômago e no abdômen ... - isto está me sufocando. – Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo, mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei a garganta, e ela deu amostra de resistências, [...] Pensei que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, [...] – Chamei imediatamente o Dr. M. , e ele repetiu o exame e confirmou [...] meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava [...] M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada” [...] meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, proplos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres) ... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E provavelmente a seringa não estava limpa. (FREUD, 1969-1980, p.141-142).

As associações pós-sonho apontam para um tema central que o sonhador reconheceu como um desejo latente, o de que tentara por diversos caminhos eximir-se da responsabilidade das dores que persistiam em Irma, mesmo após alguns meses de tratamento. Freud, pela ação

¹⁰ FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: A interpretação dos sonhos.** Tradução de Christiano Oiticica. 24.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980. v.5 Tomo 2. 777p.

do trabalho do sonho, produziu uma série de situações para aliviar-se da culpa que sentia, de modo a elaborar um enredo envolvendo acontecimentos recentes com pessoas de suas relações (restos diurnos) que poderiam, no sonho, representar fatos marcantes de sua infância, embora o autor tenha optado seguir por outros caminhos.

Vale ressaltar que, tanto a importância ou a omissão a determinados elementos no sonho quanto às recordações que os mesmos evocam constituem vias de acesso aos desejos inconscientes, bem como, possíveis pontos nodais da história psíquica do sujeito. Logo, pode-se compreender, apesar do caráter didático e histórico deste sonho, o porquê da relutância e parcimônia de Freud em aprofundar sua análise quando nos diz:

[...] conheço os pontos a partir dos quais outras linhas de raciocínio poderiam ser seguidas. [...] Se alguém se vir tentado a expressar uma condenação apressada de minha reticência, recomendo-lhe que faça a experiência de ser mais franco do que eu. (FREUD, 1969-1980, p. 155).

De fato, após a publicação do livro foram especulados muitos conteúdos latentes neste sonho por décadas¹¹. Hipóteses surgiram de que certas personagens e associações deste ilustre sonhador estariam ligadas a possíveis fatos traumáticos ocorridos em tenra infância, assim como apontaria a fatos de sua vida particular, omitidos da interpretação textual. Por exemplo, naquela época, o sonhador já padecia de uma lesão cancerosa em seu maxilar e palato, que o obrigou a 37 cirurgias mutilatórias e o matou em 21 de setembro de 1939; de certo modo, o sonho já apontara indícios do sofrimento físico de Freud.

Pode-se, desde já, levantar algumas questões sobre o trabalho interpretativo desses fenômenos, tais como: O receptor do sonho tem ou não alguma influência no relato do sonho? Existe alguma finalidade para este tipo de material no contexto da clínica atual?

¹¹ Revela Gay (1989), que psicanalistas contemporâneos, por exemplo, apontaram para ausência de qualquer menção à sexualidade infantil, numa época em que Freud dava muita importância a sexualidade como fator etiológico do desenvolvimento psíquico.

3 O SONHO DA INJEÇÃO EM IRMA POR LACAN E A RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E SEU DISCURSO

Lacan questiona, baseado no sonho de Freud, a hipótese de uma “obrigação” da regressão do ego no sonho através das etapas de dissociação da percepção e da consciência para dar conta do caráter figurativo (imaginário) do que se produziu.

Ele toma o conjunto do sonho e a interpretação que foi dada por Freud com o intuito de analisar o que isto significa na ordem do imaginário e do simbólico¹². Lacan (1985, p.195) reafirma que devemos partir dos conteúdos manifestos, citando o paradoxo de Gide em “Moedeiros Falsos” como um alerta para não subestimarmos tais conteúdos: “*não há nada mais profundo do que o superficial*, porque não há profundo algum”.

Na leitura de Lacan (1985), Freud se revela como é no sonho, no início se encontra no nível do seu ego vígil quando, ao discutir com Irma, percebe que ela rechaça seus argumentos. Ele depois a arrasta para uma janela a fim de examiná-la. Para este autor, o desafio de Freud no sonho consiste no enfrentamento de resistências e na confrontação de suas próprias teorias em formação. No trecho da discussão com a paciente, Freud preocupa-se em ter sonogado alguma causa orgânica, e então solicita que Irma abra a boca. Ela, ao que se sugere, nas

¹² Conforme Kaufmann (1996), são dois conceitos-chave na obra de Jacques Lacan, que, em relação ao sonho, se tornam complementares: Imaginário (iS) = imaginar o símbolo, pôr o discurso simbólico em forma figurativa, ou seja, o próprio sonho. Enquanto que Simbólico (sI) = simbolizar a imagem, fazer uma interpretação do sonho.

sessões não “abria a boca”, porém no sonho, por desejo do sonhador, Irma consegue e, através de significações e condensações presentes, Freud se depara com:

[...] a carne que jamais se vê, [...] a carne da qual tudo sai, até mesmo o mais íntimo do mistério, o fundo das coisas, o avesso da face, sua própria forma é algo que provoca angústia. Visão de angústia, identificação de angústia, última revelação do – *és isto, que é o mais longínquo de ti*, isto que é o mais informe [...]. (LACAN, 1985, p.197-198).

O autor interpreta esta imagem como uma “visão medonha” da garganta de Irma, aonde aponta para uma relação expressa de diálogo do ego com o objeto, no entanto, sugere que neste ponto não há uma regressão do ego, apenas uma aproximação do “eu” com o objeto. A seguir Freud, evitando despertar, angustiado, “sai” do sonho. Apela para “outros saberes” e assim comparecem à cena onírica o professor M, Otto e Leopold proferindo falas desconexas, frases sem sentido, personagens que Lacan chama, ironicamente, de “trio de palhaços” ou “máquinas de absurdos”. Tratam-se de identificações as quais o ego reside, provavelmente cada uma correspondendo a alguém na vida do sonhador. Formou-se o que Lacan denominou de “discursos de múltiplos egos” com o sujeito Freud substituindo-se por um sujeito policéfalo, constituído por uma pluralidade imaginária, porém destituído de si enquanto unidade, com discursos “acéfalos”, isto é, desprovidos de sentido. Através das falas das personagens, refere Lacan (1985), emergem sinais do caráter insensato e não-lógico da dimensão inconsciente.

Quando no sonho aparece a fórmula da Trimetilamina, o sujeito já não é mais “objeto decifrado”, e sim, uma fala dele. É a ausência total do sujeito simbolizada pela palavra, que, na interpretação lacaniana, apresenta um caráter enigmático. É precisamente nesse ponto, que para Lacan (1985, p. 203) reside o inconsciente: “[...] o que está em jogo na função do sonho se acha para além do ego, aquilo que no sujeito é do sujeito e não é do sujeito, isto é o inconsciente”. A fórmula demonstra que o inconsciente não é o ego do sonhador (Freud na conversa com Irma), tampouco o “eu angustiante” identificado no exame da garganta. O inconsciente é Freud “evadido” do sonho no momento em que ele recorre às outras personagens. Consequentemente, complementa Lacan (1985, p.202), no próprio sonho Freud “Esvaiu-se, abolido por detrás dele”.

Ao final do sonho o inconsciente se revela pela palavra, pois a fórmula aponta para um “culpado” pelo estado de Irma. Da Trimetilamina, surgiram em Freud, lembranças

associadas ao odor de um suco de abacaxi que cheirava a “caxixi”. Por meio da etimologia da palavra que simbolizava a fórmula¹³, o psicanalista francês perguntou a si mesmo se o sentido daquele sonho não se relacionara ao inocentamento do sonhador, mas sim, do amigo dele, Fliess, que realizara um procedimento cirúrgico tecnicamente falho nos cornetos nasais de Irma. Após “descoberto” o culpado, fica claro que o sonho cumpriu o desejo do sonhador: atenuar os efeitos da realidade através das múltiplas imagens especulares do ego, que serviram de suporte para elaborar diversas situações conflitantes na vida de Freud com pacientes, colegas e amigos.

Entretanto, Lacan (1985) afirma que o valor de inconsciente deste sonho consiste na busca pela palavra, isto é, no enfrentamento direto com a realidade secreta do sonho (quando o paciente reflete, sobre o próprio sonho) numa espécie de busca pela significação como tal, isto é, significantes para os signos presentes no conteúdo manifesto. Ele observou que:

[...] o importante, e o sonho nos mostra isso, é que os sintomas analíticos se produzem na corrente de uma fala que tenta passar. Ela encontra uma dupla-resistência naquilo que denominaremos [...] o ego do sujeito e sua imagem. (LACAN, 1985, p.203).

Parecendo antecipar-se a isso, como se premeditasse os desdobramentos de uma análise mais pormenorizada, o próprio sonhador, reconheceu que não fora muito além da análise do material pré-consciente. Afinal, aquele sonho não se destinava apenas a leitores leigos, mas também, a psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, enfim, aos seguidores da Psicanálise. Logo, justifica-se a prudência de Freud ao não expor outras possibilidades de interpretação já que não havia a intenção de compartilhá-lo numa relação analítica. Neste ponto, percebemos a distância da palavra escrita para a palavra comunicada a um analista, ou a um leigo, cada qual com finalidades distintas:

Sou obrigado a acrescentar [...] que em quase nenhum exemplo apresentei a interpretação completa de meus próprios sonhos, conforme me é conhecida. Provavelmente fui sensato em não depositar demasiada fé na discrição de meus leitores. (FREUD, 1969-1980, p.140).

¹³ A Trimetilamina, segundo a própria pesquisa do autor, é um produto da decomposição do esperma.

Assim, Freud cumpriu com o objetivo de divulgar e ensinar um método científico para a interpretação dos sonhos enquanto Lacan demonstrou que, com a interpretação do próprio sonhador, podemos através das palavras explorar novos sentidos ocultos nos sonhos. Contudo, supondo que “o sonho da injeção em Irma” fosse relatado com uma finalidade psicoterapêutica ao invés de publicado, que significados teriam tais palavras na vida do sonhador frente ao analista? Se, por exemplo, houvesse um encontro de Freud com Lacan e ambos fizessem daquele sonho uma “ponte intersubjetiva”, o quê se estabeleceria a partir dali? Quais condições seriam indispensáveis para o aprofundamento dos pensamentos dos sonhos? Como teria sido o manejo dos sonhos ao longo do desenvolvimento da técnica psicanalítica?

4 DOS APORTES METAPSICOLÓGICOS PARA OS SONHOS À VINCULARIDADE

Se nosso objetivo continua a ser o de verbalizar o consciente incipiente em termos da transferência, então estaremos fazendo análise; caso contrário, seremos analistas fazendo outro tipo de coisa que consideramos apropriada à ocasião. E por que não?
Hogarth Press

Melanie Klein e Donald Winnicott desenvolveram aportes científicos à teoria de Freud, expandindo as possibilidades de aplicação da técnica psicanalítica às crianças e aos pacientes com estruturas psíquicas mais regressivas. Trouxeram por meio de experiências clínicas e pessoais¹⁴ concepções de objeto para a Psicanálise que permitiram ampliar o conhecimento do recém adquirido “domínio do sonho” para uma área até então inabitada, o “domínio do sonhar”.

Klein desenvolveu a idéia de que nos sonhos habitam ansiedades primitivas¹⁵ que encontram nessa formação de compromisso uma via de expressão, semelhante ao que ocorre

¹⁴ Winnicott foi analisado por Melanie Klein e Joan Riviere.

¹⁵ Sentidas pelo bebê desde os primeiros três meses de vida, presentes na primeira estrutura organizadora da vida mental chamada de Posição Esquizo-Paranóide. Nela, estabelecem-se relações de objetos parciais “Seio Bom” e

numa criança quando esta simboliza suas fantasias inconscientes no brincar. Reflete-se na prática de Klein, pelo sonho trazido de um adulto, não apenas a relação dela com o paciente, mas também o alcance do material onírico no *setting*:

No início de sua análise teve um sonho que descreveu como ridículo: ele estava fumando seu cachimbo, que estava cheio de artigos meus que haviam sido arrancados de um de meus livros. [...] expressou grande surpresa com relação a isso, porque ‘não se fumam artigos impressos’. Interpretei que isso era apenas uma característica menor do sonho mas que o principal significado era que ele tinha rasgado meu trabalho e o estava destruindo. Eu também mostrei que a destruição de meus artigos era de natureza sádico-anal, implícita no fumá-los. Ele havia negado esses ataques agressivos [...] emergiram sentimentos persecutórios em relação à análise. [...] o insight obtido não levou a uma compreensão de sua inveja da analista, embora isso tivesse sido interpretado para ele. (KLEIN, 1981, p.246).

Este fragmento sugere que Klein escutava o sonho como produto da Transferência, ou seja, a atualização de uma experiência passada reimpressa e dirigida a ela. Klein considerava-se um objeto refletor das projeções do analisando ao compreender a cena onírica, essencialmente, como um ataque transferencial dirigido à analista (no papel de objeto primário). Chamou de “característica menor” a reação de surpresa do paciente ante aquele sonho e o interpretou. De forma unilateral “rebateu” o sonho como se o contexto (início de uma análise) e a presença da analista ao recebê-lo, não fossem por si só, partes complementares de uma experiência tão atual, angustiante e surpreendente para ambos, quanto o desejo implícito de destruição simbolizado em “fumar artigos impressos”. Numa técnica analítica tão marcada pela valorização dos fatores intrasubjetivos parecia que não haveria possibilidade de circulação do sonho no *setting*, faltava um ambiente acolhedor para aquela “fumaça” se espalhar.

Winnicott, numa carta dirigida a Melanie Klein, propôs acréscimos originais acerca de algo que percebera das relações de objeto. Parecera dar-se conta, através do ponto de ruptura com as idéias de Klein e Riviere, de uma questão que iria influenciar toda a sua psicologia:

Cara Melanie,

“Seio Mau” percebidas como dissociadas e excludentes. Formam-se mecanismos de defesa rudimentares para dar conta das primitivas angustias persecutórias, tais como: Projeção, Introjeção, Identificação Projetiva, etc. 119

[...] Acho que eu queria algo que não tenho nenhum direito de esperar do seu grupo, e que tem a natureza de um ato terapêutico, algo que não consegui em nenhuma de minhas longas análises, embora tenha conseguido em muitas outras. Não há dúvida alguma que a minha crítica à sra. Riviere não foi apenas uma crítica direta, baseada na observação objetiva, mas também foi colorida pelo fato de ter sido exatamente nesse ponto que a análise dela fracassou comigo.

Londres,
17 de Novembro de 1952.
(WINNICOTT, 1990, p.30)

No sonho abaixo, que o acompanhou durante toda a vida, Winnicott pôde repensar metapsicologicamente o conceito de objeto, alçá-lo para além da dimensão intrasubjetiva ao sonhar com uma destruição total.

Este foi um de uma longa linha de sonhos significantes que tive, antes, durante e após a análise. [...] este sonho teve importância especial para mim porque esclareceu um mistério de minha psicologia que a análise não podia chegar [...] O sonho pode ser fornecido em três partes. 1. Havia uma destruição absoluta e eu fazia parte do mundo e de todas as pessoas, portanto, estava sendo destruído. [...] 2. Havia então destruição absoluta e eu era o agente destruidor. Aqui então tínhamos um problema para o ego: como integrar esses dois aspectos da destruição? 3. A parte três apareceu e, *no sonho*, desperto. Como despertara sabia então que havia sonhado tanto (1) quanto (2). Havia portanto solucionado o problema, pelo uso da diferença entre os estados de vigília e sonho. [...] Não havia dissociação, de maneira que os três eus achavam-se inteiramente em contato uns com os outros. Comecei a despertar... [...] sem o eu (3) tenho de permanecer cindido, solucionando o problema alternadamente em sadismo e masoquismo. (WINNICOTT, 1994, p.178).

A solução integradora e satisfatória que veio a proporcionar um alívio no sonho ocorreu em (3). Perceber-se vivo diante de seus impulsos destrutivos antes de despertar foi para Winnicott, talvez, a realização de um desejo não satisfeito em análise. Na cena onírica ele dá-se conta da existência do mundo interno subjetivo (área da onipotência), de sua própria ação destrutiva (agressividade) ao objeto e da experiência de sobreviver em meio a tudo isso, enxergando-se “fora” dele. Embora o tema desse sonho envolva também a destrutividade, aqui ela adquire uma conotação diferente do sonho analisado por Klein. Para Winnicott a destrutividade tem um valor positivo, pertence ao relacionar-se com objetos¹⁶, significa o uso¹⁷ (manejo) mais sofisticado (no sentido do ego) do objeto numa área apropriada para isso.

¹⁶ Winnicott (1994) propõe a seguinte sequência para diferenciar a relação de objeto do uso do objeto: “(1) Sujeito relaciona-se com o objeto. (2) Objeto acha-se em processo de ser encontrado, ao invés de colocado pelo

Trata-se de uma zona intermediária entre a realidade interna e externa denominada fenômeno transicional aonde Winnicott, sutilmente, notou uma estreita associação entre o brincar e o sonho uma vez que ambos (mesmo não sendo reais) apontam para as diversas experiências do viver. Em outras palavras, abre-se um espaço constitutivo de experiência com a realidade externa que possibilita a expressão do material onírico, um denominador comum para o aparecimento do sonho, independente de quaisquer elementos arquetípicos¹⁸ presentes no sonhar. A condição básica de provisão ambiental (do objeto primário sustentado na figura do terapeuta) faz-se necessária para o surgimento dos fenômenos transicionais. Estes, por sua vez, capacitam o sujeito ao uso do objeto real, pois desenvolvem os sentimentos de culpa, inerentes ao amar. O objeto trazido em análise (neste caso o sonho), passa a ser enriquecido por esses sentimentos e adquire a capacidade de transitar numa área compartilhada de fantasia quando favorecido por um ambiente acolhedor.

Suspeito que o “sonho do cachimbo” trazido para Klein, pudesse ter tido outro destino nas mãos de Winnicott. Ele provavelmente suportaria a experiência de ser “tragado”. Traria cores às cinzas daquelas impressões e, envolto na fumaça dos artigos, “brincaria” com os elementos do sonho e ambos perceberiam a experiência como “real enquanto fantasia”. Winnicott aceitaria o paradoxo e, graças a ele, reimprimiria junto ao paciente, novos significados ao sonho, pois aquele ato terapêutico passaria a existir como fenômeno transicional na “área do sonhar”.

Mas caberia indagar, se há possibilidades de sonhar para os pacientes que ainda se encontram no estágio anterior ao uso do objeto, isto é, aqueles que tomam o analista como uma extensão de si mesmo. Existiriam limites de acesso nesta área para sonhos provenientes destes pacientes com estruturas psíquicas limítrofes (bordelines) ou até psicóticas? Teriam essas pessoas, sujeitas a relacionarem-se na área de onipotência com os objetos, condições básicas para sonhar? Essa questão Winnicott remeteu a Bion:

sujeito no mundo. (3) Sujeito destrói o objeto. (4) Objeto sobrevive à destruição. (5) Sujeito pode usar o objeto.” (WINNICOTT, 1994, p.177).

¹⁷ Implica em perceber que o objeto se situa fora do sujeito (não mais como entidade projetiva). Dessa forma o objeto é destruído somente na fantasia inconsciente e a destruição desempenha um papel de construção da realidade.

¹⁸ Arquetipo: significa a forma imaterial à qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar; são imagens primordiais que se originam de experiências arcaicas da raça humana. Cabral; Nick (2000, p. 151) trazem a seguinte definição: “É o conceito arcaico do Inconsciente Coletivo [...] que se contrapõe ao instinto biológico, pessoal”.

Caro Bion

[...] gostei do desafio contido em seu trabalho¹⁹ na noite passada. A pergunta que queria lhe fazer é: Os psicóticos nos quais fundamenta suas idéias são pessoas que você julga que tinham a capacidade de sonhar e a perderam? [...] o que é que na análise, pode capacitar o paciente que não consegue sonhar, e não consegue nem dormir nem permanecer acordado, a finalmente conquistar o sonho.

Londres,
17 de novembro de 1960.
(WINNICOTT, 1994, p.114).

Tais pacientes podem se expressar clinicamente na vida desperta através de estados delirantes, confusos, semelhantes àqueles sonhos onde prevalece um fluxo de idéias e imagens desarticuladas. Uma vez que para eles não há uma distinção clara entre sonhos e realidade, objetos internos e externos, então inconsciente e consciente conservam entre si as características de diferenciação somente quando operados e articulados por funções que, na concepção psicanalítica de Wilfred Bion, contém elementos alfa e beta²⁰.

Bion propôs pensar o sonho como uma matriz geradora de realidade psíquica quando afirmou que não é o inconsciente que produz o sonho, mas ao se formar é o sonho que produz o inconsciente. Inverte-se a lógica freudiana, pois nessa perspectiva o material onírico se torna uma operação de constituição de sentido, regulado por uma barreira de contato²¹. Para Moreira Godoy (1996) faz-se necessário essa inversão já que, o sonho, ao invés de uma construção altamente elaborada, estaria ligado a operações primitivas do pensar:

[...] nesse sentido ‘bioniano’ o sonho não se utiliza de símbolos porque ele próprio já é uma forma particular e básica de função simbólica, ou seja, uma primeira etapa do pensamento. (MOREIRA GODOY, 1996, p.399).

¹⁹ O trabalho referido chama-se “A theory of Functions”. (Uma teoria das funções).

²⁰ Segundo a psicanálise bioniana os elementos- α surgem das impressões de experiências que podem ser acumuladas no inconsciente e utilizadas posteriormente para pensamentos oníricos e simbolizações. A função “ α ” libera à consciência tais elementos que têm a capacidade de elevar o pensamento até a simbolização (abstração do pensamento concreto). Os elementos- β , são pensamentos concretos que impulsionam as ações e não podem fazer-se inconscientes, isto é não estabelecem conexões com os elementos alfa.

²¹ Espécie de “membrana permeável” de dupla face, onde ocorrem trocas transferenciais (comunicações) entre terapeuta e paciente através de movimentos reversíveis e transitivos. É o local onde o terapeuta avalia o fluxo e refluxo de elementos alfa e beta; entre Inconsciente e Consciente.

Sob essa ótica a sessão passa a funcionar como um espaço de qualidade onírica, com o analista tornando-se um provedor de pensamentos alfa que agem como transformadores das experiências sensoriais em pensamentos do sonho, dá-se significados²² por meio destas manifestações às experiências de despersonalização e desrealização comuns àqueles pacientes. Bion considerava o sonho como um fenômeno bidirecional e percebia, assim como Winnicott, a importância do ambiente e da figura real e ativa do terapeuta no processo analítico.

A Psicanálise Vincular²³ veio, nesse sentido, agregar a noção de uma tópica intersubjetiva na qual o sujeito e suas produções são concebidos de forma multidimensional. Ao estudar o sonho sob a ótica da vincularidade amplia-se o foco de intervenção no sujeito, pois é preciso lançar-se para além dos paradigmas metapsicológicos contemplados pela dimensão intrasubjetiva²⁴. Faz-se necessário agregar a hipótese que o sonho também exerça a função de vetor de transmissão interna da realidade psíquica do sujeito, sustentado por uma relação vincular com o analista. Conforme Kaes, o que é transferido passa a ser da dimensão intersubjetiva.

A questão é saber o que se transmite ou se transfere (no sentido de transporte ou de translação) em intensidade e em representação na passagem da vigília para o sonho, do Inconsciente para o Pré-consciente, do Pré-consciente para o Consciente, dos pensamentos latentes para o relato manifesto, das associações para a representação-meta inconsciente, e como se dão essas passagens, sobretudo graças aos pensamentos intermediários (die Zwischengedanken). Essas formações intermediárias estabelecem uma ponte e uma separação entre as formações intrapsíquicas; elas cumprem diversas funções de ligação, de deslocamento [...] muitas vezes adquirem a estrutura e as funções da formação de compromisso. (KAES, 2001, p. 29-30)

²² Na leitura de ZIMERMAN (2003), Bion compreende que o psicótico não sonha simbolicamente, isto é, falta ao psicótico a introjeção da função α da mãe “[...] - função que permite perceber a ausência do objeto e de pensar essa ausência – que se torna possível a capacidade de simbolizar e, portanto, de sonhar. “ (ZIMERMAN, 2003, p. 214). Assim, Zimerman (2003) afirma que, segundo o “Modelo Digestivo” do aparelho mental, formulado por Bion, os sonhos podem ter uma função evacuativa (nas esquizofrenias tornando-se indigeríveis), elaborativa (nas neuroses) e até mista, sendo importante considerar em que estado psíquico o paciente o teve.

²³ Uma teoria contemporânea que “[...] se centra na hipótese central de que o sujeito é sujeito do inconsciente e dos vínculos nos quais se constitui”. (PIVA, 2006, p. 19). O vínculo precede a linguagem e resulta de um conjunto de acordos, pactos e regras, essencialmente inconscientes, presentes desde a formação do psiquismo do bebê assim como nas relações que estabelecemos socialmente em coletividades.

²⁴ Perspectiva que tange ao biológico pulsional; desejos, mecanismos de defesas do ego, identificações, narcisismo e as alterações e/ou cristalizações como sintomas de distúrbios no desenvolvimento contidos no sujeito.

Na intersubjetividade²⁵ configura-se um campo analítico onde se faz obrigatória à existência (presença) do outro. Assim, forma-se uma “zona de pensamentos intermediários” entre dois ou mais sujeitos²⁶ que consiste na relação do que se é produzido a partir da prolongação projetiva do mundo interno de cada um. O produto desse “entre” não se reduz ao que já fora previamente inscrito ou remetido²⁷, passa a ser da ordem de algo além da Transferência e Contratransferência. A imposição do objeto real (analista) promove um vínculo (analista-paciente) que difere ambos de uma relação objetual (onde o outro, ausente, seria imaginado apenas no plano simbólico). Este vínculo sustenta-se por uma relação estável (contínua) estimulando o paciente, gradativamente, a abandonar o objeto pensado, desejado e idealizado (analista). Sob a ótica do enquadre analítico significa a retomada do desenvolvimento psíquico através do descentramento dos aspectos individuais do sujeito (necessidade narcísica) que tende a ceder lugar à alteridade por meio do “uso”, no sentido winnicottiano, do analista como um produto da intersubjetividade.

Tendo em vista que o sonho indica uma experiência interna que aponta às diversas maneiras de estar com o outro ao longo da vida, tais como: relações amorosas, familiares, profissionais (e do próprio processo analítico) então a forma²⁸ e o quê se constrói a partir disso, pertencerá a dupla analista-paciente, conforme destaca Santos (2000):

La situación analítica sostiene en transferencia un pasado-presente, precipita un aspecto incierto que aspira a una producción de sentido. Un punto que interesa subrayar es que se trata de sentidos no dados previamente por la teoría, sino a construir-se en esa peculiar situación habitada por el analista y su paciente. En esta dirección es que puede pensar la práctica también como una construcción, y no como la traducción, de parte del analista, de lo que produce el paciente por efecto del dispositivo implementado. (SANTOS, 2000, p. 53).

²⁵ Stern (2004, p. 89) define este conceito como: “A interação dinâmica entre a experiência subjetiva do analista e do paciente na situação clínica. [...] Na visão intersubjetiva, a principal tendência da mente é estabelecer relacionamentos objetais. Para fazer isso, a subjetividade do objeto, bem como a do sujeito, torna-se crucial, e surge uma psicologia bipessoal”.

²⁶ Refiro-me às modalidades de atendimento em casal e família.

²⁷ Por exemplo, material onírico de cunho transferencial.

²⁸ A linguagem com que o sonho é expresso, o afeto e o investimento depositados nesse material, o que é dito, e o que é não dito para o analista, o que é recordado e o que é esquecido pelo paciente assim como as associações que a partir daí fluem no *setting*.

Neste contexto, o que, além do conteúdo eminentemente transferencial, um sonho carregaria consigo? Poderia o próprio vínculo tornar-se um obstáculo para a interpretação dos sonhos?

5 JUNG E FREUD – UM VÍNCULO ROMPIDO E O TRABALHO DO NEGATIVO NO SONHO

Enquanto ouvia seu sonho, tive um sonho que, em minha vida emocional significaria o seguinte, que gostaria de compartilhar com você com a esperança de que proporcionará alguma luz sobre o significado que seu sonho tem para você.

Donald Meltzer

Jung fora considerado por Freud o legítimo herdeiro e natural sucessor da direção do movimento psicanalítico no início do século XX. Por alguns anos estabeleceu-se uma relação transferencial de aluno para mestre através de uma sólida colaboração científica. Enquanto Jung nutria admiração e respeito pelo seu *Herr professor* este, por sua vez, reconhecia o brilhantismo intelectual de seu aluno, fato comprovado pela correspondência daquela época. Havia desejos e expectativas nessa relação, Freud, por exemplo, conforme o biógrafo Peter Gay (1989), depositava em Jung o desejo de que a Psicanálise se ampliasse para além do espectro vienense e judaico, projetando no jovem psiquiatra o futuro de seu legado, quiçá uma universalização. Jung, por outro lado, encontrava naquele corpo teórico-científico ecos às experiências associativas que realizava nos pacientes psiquiátricos, mesmo tendo consciência do “perigo” de permanecer ao lado de um revolucionário²⁹. As novas concepções psicanalíticas³⁰ de Jung, suponho, serviram como “gota d’água” para a desestabilização desse vínculo. Abaixo, a carta de Freud a Jung retrata uma tentativa de mitigar a tensão e a preocupação do mestre com os rumos do estimado discípulo:

Caro amigo

... É notável que na mesma tarde em que o adotei formalmente como meu filho mais velho, em que o ungi como sucessor e príncipe herdeiro – in partibus infidelium –, você me despojou de minha dignidade paterna e se alegrou com esse despojamento, tanto quanto eu com o investimento de sua pessoa. [...] Não nego a forte impressão que suas comunicações e experiências me provocaram. [...] Coloco, pois, mais uma vez os óculos paternos, de armação de chifre, e tome cuidado, filho querido, peço-lhe conservar a cabeça fria, renunciando a querer compreender demasiado em lugar de querer fazer um sacrifício excessivo por causa da compreensão [...].

Seu Freud

Viena IX, Berggasse 19
12 de maio de 1911.
(YUNG, 2007, p. 427-428).

O “sacrifício excessivo” a que Freud se referia talvez estivesse ligado a pactos inconscientes que, pouco a pouco, se tornariam tempestuosos. Num vínculo, Piva (2006, p.98)

²⁹ Maneira pela qual Freud era visto no meio científico no início do século XX, segundo Jung (2006) em sua autobiografia.

³⁰ A revisão da importância da libido, ampliação da teoria dos complexos, formulação de um extrato coletivo do inconsciente e a adição de componentes míticos, místicos e religiosos foram alguns pontos-chave no que tange o afastamento da psicanálise proposta por Freud.

ressalta que: “Tais combinações podem estar associadas a manter a subjetividade, como também podem estar na origem de sintomas, de experiências de despersonalização ou sacrifício da própria subjetividade em função de manter o vínculo”. Durante uma viagem realizada pela dupla aos Estados Unidos, iniciada em Bremem no ano de 1909, intensificou-se a convivência ao passo que ambos analisaram os sonhos do outro. No entanto, Jung (2007) recorda um fato, proveniente deste período, que abalou sua relação com Freud:

Freud teve um sonho cujo conteúdo não posso revelar. Interpretei-o mais ou menos, acrescentando que poderia talvez adiantar algo mais, se ele me desse alguns detalhes suplementares, relativos à sua vida particular. Tal pedido provocou em Freud um olhar estranho – cheio de desconfiança – e disse: “Não posso arriscar minha autoridade”. Nesse momento, entretanto, ele a perdera! (JUNG, 2007, p.193).

A postura de Freud, no entendimento do jovem psiquiatra, sugeria a manutenção de um status quo, do qual Jung não estava mais disposto a aceitar. A partir de um sonho de Jung relatado a Freud, pode-se levantar hipóteses acerca da crise deste vínculo, através das divergências que emergiram das diferentes interpretações:

Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida de dois andares. Era a “minha” casa. Estava no segundo andar onde havia uma espécie de sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos. [...] De repente lembrei-me que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho era vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. [...] Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia a adega. Descendo-a cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. [...] Examinei o piso recoberto de lajes. Numa delas descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sobre ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que desci, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. – Depois acordei. (JUNG, 2007, p.193-194).

Durante o relato do sonho, Jung rememora³¹ as dificuldades em interagir com Freud, que, parece, atravessaram a barreira profissional a ponto de Jung utilizar-se de artifícios para

³¹ JUNG, C. G. **A vida simbólica**: Obras Completas de Carl Gustav Jung. Tradução de Araceli Elman; Edgar Orth. 2.ed. São Paulo: Vozes, 2000. v.28. 472p.

evitar um confronto direto com seu mestre. Percebe-se a importância do receptor do sonho, que no caso de Jung, faria tamanha diferença a ponto de inibi-lo:

Enquanto ainda pensava numa resposta adequada as perguntas de Freud, fui surpreendido repentinamente por uma intuição sobre o papel que o fator subjetivo desempenha na compreensão psicológica. [...] só pensava em como me livrar dessa situação contrangedora, e saí pelo lado da mentira. [...] de outro modo, teria arriscado um desentendimento fatal pelo qual não me sentia absolutamente preparado por uma série de motivos. (JUNG, 2000, p. 217).

Motivos que tinham, em parte, a ver com pactos inconscientes permeados por mentiras e ocultações que, diante de sonhos confidenciais, estavam prestes a serem trazidos à tona. Freud, conforme Jung, teria aludido à cena das caveiras a um desejo de morte dirigido a ele numa ocasião onde seu pupilo, visitando um museu durante as semanas que estiveram juntos, demonstrara um grande interesse por cadáveres mumificados.

Jung (2007, p.216), evitando um desentendimento pessoal, retomou o foco da interpretação para o início do sonho, no trecho em que comentava sobre a mobília da casa: “Cresci numa casa construída há duzentos anos. [...] Até pouco tempo antes, vivera com meus pais ainda num mundo medieval, onde dominava uma onipotência e providência divinas sobre o mundo e as pessoas.” Possivelmente Jung atualizava afetos ambivalentes em Freud, pois conforme Hornstein (2005, p.101): “No hay intersubjetividad investida que no sea soporte de transferencias. La sombra de los vinculos pasados caen sobre los actuales”. Estaria Jung se referindo, a partir do simbolismo expresso naqueles elementos, a uma espécie de pré-concepção da transmissão psíquica envolvendo a transgeracionalidade?

A Psicanálise vincular agrega ao sonho a dimensão da negatividade³² que atua no aparelho psíquico tanto no fenômeno onírico quanto em nossa consciência desperta. Nos sonhos, a ação da censura provém do trabalho do negativo e este:

[...] estaria relacionado com a ausência de consciência no momento do adormecimento, já que o sonho se constituiria em algo positivo, que permite a expressão do inconsciente. Existiria um trabalho do negativo no sonho porque a negatividade, a falta implícita, que remete à fantasia inconsciente, é ocultada, não sendo possível que os desejos se realizem em estado de vigília. (BECKER; DALANHOL, 2006, p. 102).

³² Relacionada às “[...] experiências da ordem do não vivido, do não dito, daquilo que permanece sem registro e que permeia várias gerações em busca de significado – o não representado”. (PIVA, 2006, p. 98).

Operar-se-ia uma vivência de um vínculo alucinatório, ou seja, a satisfação do desejo de estar com o outro (real) ou até uma “representação” de experiências não vividas, herdadas de gerações pretéritas? Em outras palavras, caberia supormos uma leitura do inconsciente sobre a herança psíquica (lugar fantasmático) que o sujeito ocupa em suas relações vinculares, e que não são percebidas conscientemente como um lugar de pertença³³ no estado de vigília? O trabalho do negativo neste caso estaria concatenado não só a uma vertente defensiva à angústia de perda ou morte³⁴ mas também numa vertente estruturante, na medida em que o sonhador re-significa a história de seus antepassados (na superfície da casa, Jung em conflito com a fé e valores morais frente as suas descobertas científicas) até níveis mais profundos (a caverna) que ocultava, quiçá, outro sentido para o sonho de Jung: “aniquilar” o rival, libertando-se das amarras do criador da Psicanálise.

Mesmo que aquelas semanas em solo americano não fizessem parte de um enquadre analítico, pode-se inferir que o abalo da amizade entre ambos deu-se pela falta de um elemento vital em qualquer vínculo: a verdade. Posteriormente, separado de Freud, Jung trilhou seus próprios caminhos, buscou suas próprias verdades pela ciência. Além de trazer contribuições significativas à Psicanálise, Jung construiu uma teoria a qual batizou de Psicologia Analítica.

³³ O sentimento de pertinência advém da ocupação de um lugar outorgado ao indivíduo pela família (primeiro modelo identificatório) e depois pela sociedade através do investimento do sujeito na cultura como suporte para a sua constituição.

³⁴ A impossibilidade de sobreviver ao rompimento com Freud, simbolizada pelas duas caveiras, jazidas em ossadas (talvez um desejo de que só pudessem prosseguir juntos perpetuando-se na morte e eliminando as diferenças; o despertar de Jung poderia ter sido um recurso defensivo do ego para não sucumbir à ansiedade primitiva de fundir-se a Freud).

6 A CARTA DE OURO – A PRESENÇA DO “ESTRANHO” E DO AMOR TRANSFERENCIAL NO ENIGMA ONÍRICO

Não existe, a meu ver, estímulo onírico algum indiferente, assim como não existem sonhos inocentes.
Ariane de Freitas Severo

Pérola³⁵, quarenta e três anos, franzina, de estatura mediana, provém de um lar humilde. Perdeu sua mãe ainda menina com apenas doze anos, o pai faleceu poucos anos depois e ela cresceu com a ajuda da tia. Mãe de seis filhos, dona-de-casa; ocasionalmente realizava serviços como doméstica. Observando sua compleição física; atentei para as mãos e o rosto que sinalizavam algumas marcas que o tempo havia lhe inscrito; aparentava uma idade superior a que tinha. Queixava-se disso, sentia-se uma senhora idosa; estava separada do companheiro, que lhe deixou por uma mulher mais jovem. Elegemos num contexto de avaliação para encaminhamento³⁶ um foco para ser abordado que girava em torno da possibilidade de retorno do ex-marido.

Os atendimentos ocorreram em ambiente hospitalar, em função disso houve constantes mudanças na sala, o que prejudicou a manutenção de uma constância ambiental, exceto nas três últimas sessões quando foi possível estabelecer um *setting* adequado na sala recém criada para o serviço de Psicologia. Pequena, sem janelas, comportava três poltronas confortáveis, mesinha e um quadro composto por paisagens tropicais. Havia instantes em que Pérola mirava fixamente aquelas imagens (praias, lagos, banhados) associando-as a idéias de liberdade, lamentava não ter levado uma vida diferente, isto é, sem filhos, sem responsabilidades, com menos pessoas a sua volta. Contava ter poucos amigos, sentia-se incompreendida e esquecida pela família. Por duas vezes tentou cometer suicídio, a mais recente, há um ano e meio, época da separação.

Apresentava um semblante predominantemente triste, deprimido, acompanhado de um discurso melancólico. A sua postura apática modificou-se no instante em que trouxe um elemento novo na quinta sessão enquanto recordava todo o caminho (e sacrifício) que passou até chegar ao hospital. Pérola, inesperadamente, construiu uma caricatura do analista, satirizando meu modo de sentar “como um doutor” (sic). Havia quebrado o próprio discurso e,

³⁵ Nome fictício.

³⁶ Havíamos combinado que avaliação ocorreria em seis sessões.

com um sorriso de minha parte, permitiu-se falar a respeito do que pensava sobre “os psicólogos”:

Eu achava que eram todos frios, e que entravam na cabeça da gente pra esculhambar nossa vida. Minha família fala que psicólogo é pra louco, que posso ficar pior ainda, mas não é assim que me sinto aqui, te vendo agora... to até me acostumando contigo, pena que não temos muito tempo. (Comunicação Pessoal).

Frieza, família, piora e tempo. Algumas palavras de Pérola dirigidas ao analista após uma brincadeira e um sorriso. Esta linguagem pré-verbal é anterior à palavra, remete a metáfora da mãe que “entende” o choro do bebê, isto é, fornece sentido a uma sensação que ele sequer compreende e por um ato de amor (amamentar o bebê) ou gesto (olhar da mãe) torna possível constituir para a criança o que chamamos de afeto. A palavra, quando fundamentada nesta linguagem, adquire um sentido de verdade (existência) porque é através dela que nomeamos o afeto.

Neste sentido, as palavras e suas derivações (mesmo que distintas na linguagem), são inerentes ao afeto, como refere Fédida (1988, p. 51) quando aponta que: “[...] o problema do afeto entra em jogo através da *palavra*. O restabelecimento da troca do afeto se dá através da palavra e engaja a verdade da linguagem [...]”. Há dúvida e confusão na fala de Pérola, um discurso ambíguo. Ela teme piorar, ter sua vida “esculhambada”, porém ao imitar o analista, enxerga sua própria imagem especulada e sente-se bem, potencialmente criativa, a ponto de “brincar” com a situação e, paralelamente, sentir prazer num meio onde circula o afeto. Presumo que Pérola, ao lembrar-se que “tínhamos pouco tempo” tenha feito uma referência à temporalidade do ambíguo, pois leva-se tempo para falar, sentir, compreender e elaborar o que se transfere num vínculo. Considero o fragmento acima como um resto diurno, prólogo deste sonho³⁷ relatado por Pérola nos instantes finais que precederam nossa despedida:

[...] tem coisas que não vale a pena pensar, só confundem a cabeça da gente, se pudesse só lembrar das coisas boas, mas não dá. [...] às vezes quero mesmo é ficar sozinha, lá em casa tem muita gente, todo mundo fica na minha volta. Semana passada fiquei com meus filhos, a gente ficou jogando cartas até tarde, foi bem

³⁷ Em virtude do contexto no qual surgira o sonho, pouco se pôde explorar partindo de seu conteúdo manifesto. Optei por tomá-lo como latente, assim como emprestei algumas de minhas associações e fragmentos de conteúdos de outras sessões às interpretações, no intuito de formular hipóteses acerca do vínculo que estabelecemos; mesmo ciente de que este procedimento não seja o mais adequado para dar conta da complexidade da experiência.

divertido... nem consegui dormir direito, tive até um sonho maluco. [...] sonhei que uma carta me perseguia, ela tinha mãos e pernas, não me deixava em paz, que coisa louca... fiquei agitada no final e acordei. [...] A carta era um sete de ouro, nem sei porquê. [...] Não gosto de números ímpares, prefiro os pares. Também gosto do oito e de todos os seus múltiplos. (Comunicação pessoal).

Não creio que, por mera obra do acaso, o sonho tenha vindo somente ao final da sessão. O momento em que ele aparece e o conteúdo manifesto sugerem uma reluta em comunicá-lo. Na fala que antecede o sonho, Pérola manifestava indícios desse impasse, como se fosse um prenúncio do que estaria por vir, isto é, parte daquilo que nela “não vale a pena pensar” ou que, junto comigo, “confunde a cabeça da gente”. Logo, uma vez transmitido, o sonho transcendeu os conteúdos intrasubjetivos e transformou-se em algo da dupla. Sobre o receptor aponta Severo (2007, p.3): “O sonho também nos dá notícia do contexto do qual ele brotou, para quem o sonho é sonhado e a qual interlocutor se dirige, referindo-se à Transferência e à relação intersubjetiva”. Esta “dupla face” coexistente na comunicação do sonho refere-se ao inatual (o Inconsciente, o infantil) e o atual (Vínculo) sobrepostos na fala da sonhadora. Suponho que Pérola, sem compreender a carta “sete belo”, ao trazê-la para junto do analista, pretendesse ir ao encontro deste duplo, de partes dela que lhe são desconhecidas e, simultaneamente, familiares, denominadas por Freud de *das Unheimlich* “O Estranho”. O “sonho maluco” a primeira vista incompreensível, segundo Fédida (1988) confere às palavras de Pérola um valor de linguagem:

A a-sociabilidade do sonho, seu caráter incompreensível para o próprio sonhador são os correlatos da mais secreta intimidade da fala. Na medida em que funda negativamente o infantil, o estranho configura o único sítio dos lugares possíveis de construção, e, assim sendo, da linguagem deste infantil. O estranho é a língua fundamental da intimidade do sonho e da fala da qual ele é fonte. (FÉDIDA, 1988, p. 81).

A interpretação do sonho se dá pela capacidade do analista em escutar no atual da fala, a linguagem do inatual sem descartá-la no aqui-agora, isto é, no vínculo. O Estranho se apresenta em cena durante a perseguição. Neste sonho, seguem condensados outros restos diurnos, contidos nas lembranças da confraternização em família onde, através de um jogo de cartas, Pérola pôde aproximar-se dos filhos, ter com eles momentos de alegria. Entretanto, aquela situação tão prazerosa tomou outro sentido pela ação do trabalho do sonho, gerando

tamanho desconforto que a fez despertar. Neste caso, o sonho fracassou na missão de mantê-la em repouso, agindo como um “perturbador” do sono.³⁸

Tomando o método proposto por Freud, caberia um estudo de cada elemento, separadamente, desde seus significados simbólicos até as associações evocadas por eles. Diz Aeppli (1956) que os números sonhados podem constituir um veículo para vivências sumamente pessoais, contudo, não é recomendável traduzi-los diretamente pelo seu significado a menos que façam um sentido no contexto da vida do sonhador.

A carta recordada, um sete de ouro, é popularmente chamada de “sete belo”. Uma das queixas recorrentes em todas as sessões relacionava-se ao fato de que “beleza” era um atributo que pertencia somente às jovens que seduziam seu ex-marido; o próprio número sugere uma condensação do elemento sete em (4 + 3) haja vista sua idade, quarenta e três. Esta carta faz uma referência ao masculino, pois se diz “o sete belo”. Todavia pode-se inferir a hipótese de que Pérola tenha depositado nos homens (analista ou companheiro) a beleza e o valor (ouro) que não conseguia enxergar em si mesma.

Conforme Otaola (1958) quando, nos sonhos, aparecem cenas de perseguição sucede refletirmos sobre a expressão de exigências pulsionais não aceitas, isto é, pensarmos sobre uma tentativa de elaborar um conflito inconsciente. A cor vermelha do naipe de ouro é relevante nesse contexto, simboliza quicá, a condensação do *unheimlich*, isto é, de sentimentos ambivalentes de paixão e agressividade que, sob esse prisma, complementa-se ao que afirma Aeppli (1956, p.280): “Donde o rojo se enciende se halla el alma dispuesta a la acción; la conquista y el dolor se instalan; hay entrega, más también opresión”. Esta passagem traduz diversas acepções para o desejo latente relacionadas tanto ao foco dos atendimentos (retornar, ou não, ao ex-marido) quanto ao término das sessões (a dor pela perda do analista).

Na descrição do sonho, Pérola sente-se acuada ao entrar em contato com suas fantasias mais primitivas; atribui a um objeto inanimado (carta de baralho) partes humanas, ainda que lhe tenha faltado a cabeça. Esta ausência remete ao inconsciente “acéfalo” proposto por Lacan (1985) permitindo-nos conjecturar possíveis identificações do ego neste elemento. Se a carta representasse somente o analista na Transferência, tomar-se-ia como restos diurnos somente a projeção de seus sentimentos persecutórios.

³⁸ É provável que das moções pulsionais inconscientes (desejos infantis desprazerosos ao ego) tenham advindo afetos tão intensos que o trabalho de deslocamento e condensação operados pela censura no Pré-consciente não foram suficientes para a manutenção do estado de repouso. A formação de compromisso (elaboração onírica), neste caso, se torna tão intolerável ao ego que este se utiliza do despertar como um mecanismo defensivo de sua organização narcísica, daí cabe intentar ao sonho outra função, a de “guardião” da Estrutura Psíquica do sujeito.

Talvez, uma interpretação premeditada³⁹ rompesse com o intercâmbio de afetos e impedisse as associações construídas no espaço intersubjetivo que levaram ao número oito e a preferência deste e seus múltiplos em detrimento dos ímpares. Pérola sempre sustentou um discurso ambíguo em relação aos filhos pois os mesmos que atualmente estão distantes para ela, por outro lado, estiveram próximos em momentos de profunda depressão. “Retornaram” a sessão por terem proporcionado a ela instantes de prazer, de certa forma, agiram como catalisadores do sonho. No genetograma que segue pode-se identificar o número 8 considerando os membros da família:

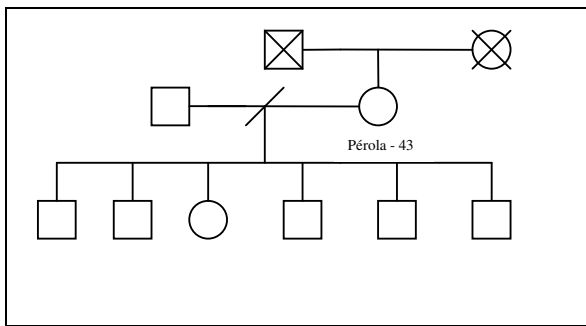


Ilustração1: Genetograma da família de Pérola.

Na simbologia exposta por Aeppli (1956) este número possui uma relação de totalidade. Indica um movimento de metamorfose e relaciona-se intrinsecamente com o quatro e seus símbolos⁴⁰. Caso o oito sofresse uma rotação sob seu eixo em cento e oitenta graus, representaria o sinal matemático do infinito “ ∞ ”, portanto, não descartaria a hipótese do sonho estar representado pelo seu oposto, ou seja, que exista um desejo latente de que as sessões (jogos de cartas) jamais terminassem.

Pérola, na sexta sessão, parecia comunicar-me, por um sonho, que se encontrava frente a um dilema: ou confirmava sua predileção “pelos números pares⁴¹”, permanecendo no

³⁹ Refiro-me a interpretação de Melanie Klein para o paciente que sonhou com os cachimbos.

⁴⁰ Este número simboliza, conforme Aeppli (1956) as quatro estações e os quatro elementos (terra, água, fogo e ar).

⁴¹ Neste caso, Pérola na companhia do analista, da família e/ou do ex-cônjuge.

tratamento, ou retornava “aos ímpares”⁴², abandonando-o. É provável que ali resida outro mistério do sonho, afinal a “sétima sessão”, preciosa como o ouro, perseguida quiçá, se consumada, representaria a confirmação da falta do “analista persecutório” e, simultaneamente, a retomada do espaço intersubjetivo, da “área do sonhar”. Mesmo que, para isso, ela tivesse que superar o temor de deparar-se com outro “sete belo” disposto a jogar mais partidas⁴³. Sonhar na presença de outro analista, formar um novo par (vínculo) analítico, restabelecer a Transferência... poderia o sonho de Pérola significar o prelúdio de um recomeço?

Pérola suportaria a angústia de permanecer em psicoterapia mesmo sem compreender plenamente seu *unheimlich*, essa “coisa louca” que “confunde a cabeça da gente” que enlaça o sonho e o vínculo à intersubjetividade?

Percebe-se que, no sonho, na psicoterapia psicanalítica e no espaço intersubjetivo não pode haver sínteses. Assim como o amor presente na Transferência, o sonho é parcial, tanto na sua forma, quanto nos seus desdobramentos. Logo, não há possibilidade de se especular a respeito de uma interpretação definitiva para o sonho do “sete belo”, pois já advertia Freud (1969):

[...] existe, pelo menos uma parte em todo sonho ao qual ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, que é um ponto de contato com o desconhecido. (FREUD, 1969-1980, p. 138).

E, se não é possível predizer acontecimentos futuros às interpretações dos sonhos, como fizeram os antecessores da Psicanálise, ao menos o desfecho deste encaminhamento permite refletirmos sobre o pós-sonho. Pérola, de fato, retornou aos atendimentos psicoterápicos. Cabe agora conjecturarmos que motivações a levaram a realizar esse desejo.

Creio que na avaliação com Pérola houve instantes em que as palavras ressonaram em seu inconsciente e foram escutadas como linguagem, acessaram o negativo, o *unheimlich*. Quando o analista ocupa a posição de insistência no negativo e impõe-se como objeto real, não nega afetos provindos do amor na transferência. Pelo contrário, permite que as derivações

⁴² Neste caso, Pérola só, longe do analista, da família e/ou do ex-cônjuge.

⁴³ Aqui, a palavra “partida” pode ser analisada sob diversos significados, tais como: jogo; ruptura, ponto de início, etc.

contidas neste amor circulem num espaço potencial, sustentado pelo vínculo, que fornece condições aos pacientes de se aproximarem das angústias que habitam seus inconscientes, ligadas à fragmentação da palavra, à fragmentação do amor⁴⁴. Isto acontece na medida em que a palavra do analista adquire uma função metafórica para a linguagem do inconsciente seja no sonho, na transferência ou no vínculo, quando opera como produtora de novos sentidos.

Em suma, o efeito da presença real do analista, da escuta do sonho, e da construção de significados ao lado do paciente, introduz essa novidade. Talvez, pela ressonância das palavras na área do sonhar, Pérola tenha se enamorado pelo próprio desconhecido em si mesma, optando permanecer em contato com seu “estranho íntimo” que, conseqüentemente, lhe trás inquietações e novas possibilidades de vida.

Se fosse possível comparar o esforço empreendido na investigação dos sonhos à um mergulho na imensidão das águas turvas dos oceanos, seria improvável supor que da infinidade de mistérios, perigos, e surpresas desse habitat encontraria uma Pérola. Afinal, de simples grãos de areia e restos de alimentos circundantes nos oceanos nascem às pérolas, mas para alcançá-las é preciso lançar-se às profundezas do desconhecido, vislumbrar aquilo que está além das superfícies das ostras.

⁴⁴ Sobre os múltiplos significados que designamos à palavra amor, acrescenta Fédida (1988, p.43,44): “[...] Sabemos também que o desejo de unificação da palavra amor acarreta a qualificação categorial dessa palavra: Falamos de amor paternal, maternal, filial ou fraternal. [...] Essa abertura polissêmica da palavra designa alguma coisa que com certeza é da ordem do intolerável para o pensamento. Paradoxalmente, a abertura dessa palavra na vida de alguém coloca imediatamente o ser humano diante da dificuldade da ambivalência: ele não consegue resolver as coisas contrárias que encontra no interior de si”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O temor da psicanálise de outrora face à sugestão, à “contaminação” pelo analista do material trazido em análise e a recomendação à risca da aplicação de algumas regras fundamentais⁴⁵ propostas por Freud foram paradigmas combatidos por Sándor Ferenczi de forma veemente desde o surgimento da própria psicanálise. A intervenção técnica de Ferenczi (2003) suscita uma breve reflexão a respeito de uma questão que esteve atravessada ao longo de todo o trabalho e que, independente de qualquer modalidade clínica, permanece em voga na prática profissional:

A técnica analítica provoca a Transferência, mas retira-se em seguida, fere o paciente sem dar-lhe a menor chance de protestar ou de ir embora; daí a fixação infinita na análise, dado que o conflito permanece inconsciente. Se o paciente for libertado desses grilhões protestará então contra o procedimento sádico; se o paciente realmente sentir que nos preocupamos de verdade com ele e que levamos a sério a sua necessidade de ser socorrido (uma boa parte do paciente nada mais é senão uma criança aflita a quem não se pode sufocar de teoremas quando ele sofre terrivelmente), então será possível levá-lo a voltar sem terror o seu olhar para o passado. Uma nova prova de que o efeito duradouro do trauma provém da ausência de um ambiente benévolo, compreensivo e esclarecedor. (FERENCZI, 2003, p. 258)

⁴⁵ Refiro-me, neste contexto, especialmente, a diferenciação de dois princípios fundamentais (Neutralidade e Abstinência), conforme destaca Gomel (2000, p. 110): “En tal dirección resulta crucial la discriminación entre dos conceptos caros a la clínica psicoanalítica: neutralidad e abstinencia. Esta última en el lugar de normativa fundamental, es para Freud, la única regla posible frente a la emergencia del amor de transferencia y marca un posicionamiento ético, en tanto supone el reconocimiento del poder transferencial y de sus riesgos implícitos (Waisbrot, 1996). En cambio, la neutralidad – tanto en su aspecto valorativo como afectivo – no siempre es la estrategia requerida. Cuando la función del analista se encuentra más próxima a producir psiquismo que a develarlo, la cualidad de la transferencia en juego conmueve la constelación afectiva de su persona”. 137

A posição do analista, na prática de Ferenczi, e a crítica que este autor faz sobre a “insensibilidade do analista” sugerem que a exploração do espaço potencial para além da Transferência, ao compartilhar afetos com o paciente, é benéfica ao vínculo. Gera profundas mudanças na disposição do paciente em contar, refletir e rememorar seu passado, pois, de certo modo, esta postura humaniza a presença do analista; afasta-o de um papel estereotipado de “neutro ou indiferente”, sobretudo reforça a imagem do objeto real no momento do encontro⁴⁶ de duas subjetividades. Este movimento que parte do intrasubjetivo, atravessa as relações objetais e culmina na intersubjetividade torna-se real e autêntico quando o analista interage, compartilha e ingressa na experiência subjetiva do outro. Daí, o que se cria em conjunto é um produto do novo na situação analítica e tudo o que é possível trazer na psicoterapia (sonhos, fantasias, brincadeiras, conflitos, segredos...) passa a ser sentido e compreendido pelo encontro de dois inconscientes a serviço de um (nesse caso o do paciente). Mas afinal, para ambos os envolvidos na labuta de desvendar o inconsciente, trata-se de sentir ou compreender o que acontece nesse “entre”? Stern (2004) fornece alguns caminhos que esclarecem o próprio conceito de intersubjetividade no momento que o analista toma uma postura participativa, implicada na experiência subjetiva do paciente:

A intersubjetividade requer uma consciência dos estados subjetivos, mas não necessariamente uma consciência reflexiva desses estados. [...] Se o analista compreende e sente o que está acontecendo na mente do paciente, mas o paciente não sabe disso (ou se o paciente compreende ou sente a experiência do analista, mas o analista não sabe disso) temos uma situação de intersubjetividade unidirecional assimétrica. Nenhum deles sabe que o outro sabe. [...] Na intersubjetividade bidirecional, tanto analista como paciente estão vendo juntos uma paisagem mental semelhante, e eles sabem disso e mutuamente validam o conhecimento um do outro. Isso lhes permite entender ou dizer “eu sei que você sabe que eu sei”, ou “eu sinto que você sente que eu sinto”. (STERN, 2004, p. 91).

Quando ocorre tal conexão, o analista torna-se espontâneo. Altera o ambiente intersubjetivo da sessão, propicia a mudança e constrói sentidos para as experiências do paciente. Permite que haja uma interação co-criativa entre duas subjetividades ou mais, dependendo da modalidade a ser trabalhada no *setting* terapêutico. Essas criações

⁴⁶ Nesses momentos surge o novo, isto é, a possibilidade de construir novas experiências além do que já está inscrito no sujeito pela Transferência.

intercambiadas pela dupla analítica ou em grupos, famílias, casais, ambientoterapias, creio serem o que baliza a qualidade dos vínculos⁴⁷. Não se trata apenas do que se é possível (tecnicamente) fazer em psicanálise com o paciente, mas sim, do que é lícito e verdadeiro (ética e afetivamente) fazer pelo paciente.

Desse modo, como seria o fim (?) de um processo intersubjetivo de descobertas com o analista que evoluiu da dependência ao objeto (Transferência), para a vinculação e desta, para a alteridade? Dadas as inúmeras discussões iniciadas por Freud em seu célebre texto *Análise Terminável e Análise Interminável* (1937), novamente Ferenczi trás alguma luz para um possível desfecho a essa questão:

A imagem de um final de análise bem sucedida apresenta-se então: poderia assemelhar-se, de certo modo, à despedida de dois alegres camaradas que, após anos de duro trabalho, constatam ser bons amigos, mas devem admitir, sem cenas trágicas, que a camaradagem não é a vida e que cada um deve desenvolver-se de acordo com seus próprios projetos de futuro. É assim que se pode imaginar o desfecho feliz da relação pais-filhos. (FERENCZI, 2003, p. 70).

Assim, em face de um ideal, resta-nos contentar-nos com o que de melhor se pôde fazer, por exemplo, na despedida de Pérola, ainda que, daquela experiência, tenha advindo uma grata certeza:

Certeza

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

Fernando Pessoa

⁴⁷ Refiro-me aos intercâmbios afetivos decorrentes da capacidade do analista de sustentar-se como objeto do desejo transferencial do paciente e, paralelamente, tornar-se real enquanto produtor de subjetividade

REFERÊNCIAS

AEPPLI, Dr. Ernest. **El lenguaje de los sueños**. Barcelona : Luis Miracle, 1956. 396p.

BECKER, Patrícia; DALANHOL, Mara Luiza. A Transmissão do Não-Representado – O Trabalho do Negativo. In: PIVA, Ângela (Org.). **Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2006. p. 97-120.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2000. 331p.

ETCHEGOYEN, R. Horácio. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. Tradução de Francisco Frank Settineri. 2. ed. Porto Alegre : Artmed, 2004. 471p.

FERENCZI, Sándor. **Diário Clínico**. Tradução de Álvaro Cabral. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 273p.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: A interpretação dos sonhos**. Tradução de Christiano Oiticica. 24.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969-1980. v.5 Tomo 2. 777p.

GAY, Peter. **Freud: Uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. 13 .ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719 p.

GOMEL, Silvia. Problemáticas de la representación/presentificación. In: BERENSTEIN, Isidoro (Org.). **Clínica Familiar Psicoanalítica. Estructura y acontecimiento**. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 75-114.

HORNSTEIN, Luis. **Intersubjetividad y Clínica**. Argentina: Paidós, 2005. 240p.

JUNG, C. G.; JAFFE, Aniela. **Memórias, sonhos e reflexões**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 1.ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 497 p.

JUNG, C. G. **A vida simbólica: Obras Completas de Carl Gustav Jung**. Tradução de Araceli Elman; Edgar Orth. 2.ed. São Paulo: Vozes, 2000. v.28. 472p.
KAES, René; FAIMBERG, Haydeé. et al. **Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 228p.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 785p.

KLEIN, Melanie. **Contribuições à Psicanálise**. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1981. 539p.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Tradução de Marie Christine Laznik. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. v.24, 413p.

MOREIRA GODOY, Maria Stela de. A tessitura do sonho. **Revista de Psicanálise da SPPA**, São Paulo, V. 3, n. 3, p. 398, dez. 1996.

OTAOLA, Dr J. R. **El análisis de los sueños: Técnica interpretativa diccionario de símbolos**. Barcelona : Librería Editorial Argos, 1958, 359p.

SANTOS, Griselda. Cuando la clínica se hace relato: algunos problemas. In: BERENSTEIN, Isidoro (Org.). **Clínica Familiar Psicoanalítica. Estructura y acontecimiento**. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 49-74.

SEVERO, Ariane. Sonhos e Vincularidade: Uma Comunicação Preliminar. **Contemporânea**, Porto Alegre, v.1, n.3. p. 1-21, Jul/Ago/Set. 2007. Disponível em: <http://www.contemporaneo.org.br/revista/php/home.php?idc=1&idp=7&ed=2>. Acesso em 20 de out. 2007.

STERN, Daniel. Intersubjetividade. In: PERSON, Ethel. S.; COOPER, Arnold M.; GABBARD, Glen O. (Org.). Tradução de Daniel Bueno. **Compêndio de Psicanálise**. Porto Alegre : Artmed, 2004. p. 89-103.

WINNICOTT, D.W.. **O gesto espontâneo**. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 178p.

_____. **Explorações Psicanalíticas**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 460p.

ZIMERMAN, David E. **Bion – Da Teoria à Prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, 349p.